



A UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS SOVIÉTICAS

José Maria do Amaral Oliveira

Estas considerações tratam da evolução da estratégia soviética em face dos Estados Unidos, da Europa Ocidental, da República Popular da China, do Japão e do Terceiro Mundo. Deveremos, também, examinar o poder militar soviético e procurar interpretar sua concepção estratégica atual.

Considero ser este um assunto de mais alta relevância em termos de um Poder Nacional brasileiro. Embora sejamos, no momento atual, uma nação em desenvolvimento e, por conseguinte, ainda sem uma presença marcante e decisória no cenário internacional, não menos verdade é que a própria aplicação da vontade nacional em termos de nosso crescimento e afirmação esbarra já hoje em antagonismos e, até mesmo, pressões potenciais decorrentes da existência de uma superpotência chamada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. A nosso ver, em futuro previsível, todos esses antagonismos e pressões potenciais

transformar-se-ão, integralmente, em pressões graves.

Muitos poderiam considerar, em seu entendimento, que os eventos registrados nos últimos sessenta anos em nosso país já classificariam como pressões, até mesmo graves, as manifestações que enfrentamos e continuamos a enfrentar em termos de conflito ideológico, nas diversas tentativas progressivamente sofisticadas de imposição do regime marxista-leninista ao povo brasileiro.

Em um cenário restrito, de pouca profundidade, tal entendimento é perfeitamente válido. A propaganda ideológica, o encorajamento para os atos subversivos, a exacerbação dos problemas sociais intrínsecos ao processo de desenvolvimento, o incentivo às expectativas crescentes, tudo isso representa atitudes contestatórias e, sem dúvida, uma capacidade de poder que, em alguns casos, em outros países, já foi aplicada com sucesso.

Em nossa problemática particular, é possível constatar que — graças às próprias condicionantes que estruturam a vontade nacional — tem sido possível enfrentar e suplantar, com relativo sucesso, tais antagonismos e pressões. Na medida em que o espectro de nossas vulnerabilidades seja reduzido através o desenvolvimento, com reflexos positivos em nossa segurança, mais imunes estaremos à ação ideológica marxista-leninista:

É minha impressão, todavia, que nos últimos anos nossa preocupação limitou-se apenas à parte *visível* da ameaça. Por outro lado, como consequência de nosso próprio desenvolvimento e de um posicionamento mais ativo no cenário internacional, surgem novas vulnerabilidades uma vez que nossa atuação em termos econômicos e políticos, nas áreas geoestratégicas de interesse brasileiro, irá certamente colidir com a incessante ampliação das áreas sob o domínio da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Existe, por conseguinte, a meu ver, a imperiosa necessidade de que em nossos estudos procuremos avaliar corretamente aquilo que vem a ser a parte inevitável da ameaça e que, na realidade, representa a mais séria para o nosso próprio futuro: o expansionismo soviético.

Acredito não haver dúvidas de que essa característica expansionista não representa um resultado da adoção dos ensinamentos de Marx, Engels e Lenine pela antiga Rússia, ao final da segunda década deste século. Quinhentos anos nos separam daquele pequeno ducado no coração da Eurásia, chamado Moscou e, independentemente dos tipos de governo, sua expansão tem sido constante e inexorável. E o que é mais grave, apresenta todos os indícios de que pretende ter

prosseguimento acelerado até alcançar a hegemonia mundial.

Assim sendo, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em termos de seu Poder Militar e de sua Estratégia terá que ser analisada em um cenário mais amplo e de maior profundidade, com uma visão prospectiva que atinja o final deste século. Analisemos o que a ideologia representa, a nosso ver, no contexto mais amplo dessa característica expansionista, muito mais uma arma para sua consecução do que um objetivo vital.

Conceitos Básicos

No mundo ocidental, as expressões doutrina militar e estratégia militar podem apresentar diferentes interpretações.

Na Escola Superior de Guerra adotamos as seguintes definições: "*Doutrina Militar é o conjunto de conceitos básicos, princípios gerais, processos e normas de comportamento que sistematizam e coordenam as atividades das Forças Armadas da Nação.*"

A Doutrina Militar está contida numa Doutrina de Guerra e ambas aos princípios da Segurança Nacional." "*Estratégia Militar é a arte de preparar e aplicar meios militares para a consecução e manutenção de objetivos fixados pela Política Nacional.*"

Na União Soviética, de acordo com o Marechal Grechko: "*A doutrina militar é um sistema de concepções quanto à natureza da guerra e o método de conduzi-la, assim como, quanto à preparação da nação e de suas forças armadas para a guerra, e que é adotada em um determinado estado e em suas forças armadas.*"

A Doutrina Militar compete responder às seguintes perguntas básicas:

- Qual o inimigo a ser enfrentado em uma possível guerra?
- Qual a natureza da guerra em que o estado e suas forças armadas terão de participar; quais os objetivos e missões com que terão de defrontar-se em uma tal guerra?
- Que forças armadas serão necessárias para executar as missões atribuídas; em que direção deve ser executado o desenvolvimento militar?
- Como devem ser implementados os preparativos para a guerra?
- Que métodos devem ser usados para a condução da guerra?

De acordo com Grechko, a doutrina militar é elaborada pela liderança política do estado com a participação de representantes do mais alto nível das Forças Armadas. Ela se baseia na avaliação da situação internacional, do alinhamento dos poderes no mundo, levando em conta, também, as capacidades materiais, espirituais e morais da União Soviética e de seus prováveis inimigos. Considera o desenvolvimento dos meios para o conflito armado e faz a estimativa de diferentes fatores entre os quais o fator geográfico.

A doutrina militar expressa o grau de participação não apenas das forças armadas como também de toda a nação, e está intimamente relacionada a todas as atividades vitais de um estado. Uma outra consideração de Grechko, e que é confirmada pelos Generais Milovidov, Kir'yan e Kulikov, é de que "a doutrina militar sendo baseada nas conquistas científicas exerce, por sua vez, uma nítida influência sobre a ciência no sentido de orientar os esforços científicos para a solução daqueles problemas que são

de maior importância prática". E conclui:

"Baseando-se nos ensinamentos marxistas-leninistas quanto à guerra e às forças armadas e na metodologia leninista, a ciência militar examina o caráter das operações militares em uma futura guerra, as leis intrínsecas ao assunto da ciência militar, os métodos para a condução das operações militares e os princípios da arte militar. A ciência militar elabora as bases teóricas e as recomendações práticas quanto aos assuntos de desenvolvimento das Forças Armadas e seu preparo para uma possível guerra. Juntamente com a prática, a ciência militar determina as linhas de ação para o aperfeiçoamento dos meios existentes do conflito armado, assim como cria novos meios."

Para os soviéticos o componente mais importante da ciência militar é a *Arte Militar*, que inclui a *Estratégia*, a *Arte Operacional* e a *Tática*.

"A Estratégia Militar é o nível mais elevado da arte militar soviética. Baseia-se diretamente na política do Partido Comunista e do governo soviético e a ela se subordina."

A política estabelece as tarefas para a estratégia militar e à estratégia cabe sua execução. A Política, por sua vez, leva em conta as propostas estratégicas, mas as exigências políticas permanecem preponderantes."

A Estratégia Militar orienta-se pela doutrina militar e depende do poder econômico do país em sua pesquisa teórica e aplicações práticas. Sendo uma teoria científica, a Estratégia é indivisível, uma vez que a guerra não é conduzida isoladamente por qualquer das Forças Armadas e, sim, através seus esforços combinados."

"A Arte operacional é o elo da ligação entre a Estratégia e a Tática. Funciona como uma ferramenta da estratégia militar visando à consecução de determinados objetivos estratégicos nos teatros de operações militares. Conseqüentemente, engaja-se em problemas teóricos e práticos da montagem de operações combinadas e independentes, assim como, as ações de combate das Forças Armadas soviéticas."

Finalmente, a *"Tática é a teoria e a prática de organização e condução do combate das subunidades, unidades e grupamentos dos vários ramos das Forças Armadas."*

De acordo com o entendimento soviético, o conflito armado será conduzido "basicamente por considerações, conclusões e generalizações político-militares e estratégico-militares, as quais decorrem das condicionantes de uma situação específica. Conseqüentemente, a guerra, o combate armado é governado pela estratégia e não pela doutrina".

A doutrina militar soviética ao final da década dos 70, e que estabeleceu a orientação básica para a década em que estamos vivendo, teve sua origem nos anos 50. Na medida em que a liderança soviética testou com sucesso os mísseis balísticos intercontinentais, foi realizada uma série de seminários secretos para examinar que impacto o novo sistema de armas teria em uma futura guerra. As conclusões atingidas indicavam que os mísseis e as armas nucleares seriam fatores decisivos em qualquer conflito importante. A liderança soviética aceitou essa conclusão e determinou novos estudos para a verificação de como os mísseis e a arma nuclear iriam afetar cada uma das forças singulares.

Os estudos foram conduzidos pelo Ministério da Defesa e por altas autori-

dades militares e constituíram a chamada "Coleção Especial", sendo publicados com um elevado grau de sigilo no *Pensamento Militar*, a partir de janeiro de 1960.

Em 14 de janeiro de 1960, Krushev pronunciou um discurso na Quarta Sessão do Soviete Supremo. Declarou que "qualquer guerra no futuro começaria, não como no passado pela invasão de fronteiras, e sim, com ataques de mísseis bem no interior do território inimigo". Afirmava também que as instalações de lançamento soviéticas haviam sido construídas em duplicata, que tropas com mísseis haviam sido organizadas e que, na eventualidade de um ataque de surpresa, a União Soviética teria a capacidade de retaliar.

Em outubro de 1961, o então Ministro da Defesa, Marechal Malinovskiy, ampliou as declarações de Krushev no relatório do XXII Congresso do Partido Comunista da União Soviética ao concluir:

"Neste relatório foi feita uma análise profunda sobre a natureza da guerra moderna, a qual se posiciona no embasamento da doutrina militar soviética."

Uma das conceituações importantes desta doutrina é a de que uma guerra mundial, mesmo se desencadeada pelos agressores imperialistas, será caracterizada como uma guerra de mísseis, isto é, uma guerra em que o principal instrumento de ataque será a arma nuclear e o veículo portador será o míssil."

A nova doutrina militar exigia uma nova estratégia militar. Uma versão livre dessa estratégia foi apresentada no verão de 1962, cerca de dois meses antes da crise de mísseis de Cuba, quando o livro de Sokolovsky — *Estratégia Militar* — foi publicado. A crise de mísseis de Cuba aparentemente não provocou alterações

de monta, quer na doutrina quer na estratégia militar já promulgada. A orientação para as forças armadas soviéticas, enfatizando o emprego das forças estratégicas nucleares, já estava estabelecido.

O evento de Cuba constituiu, porém, um dos fatores fundamentais para uma revisão futura da doutrina e da estratégia. Nos primeiros anos da década dos 60, a doutrina militar e a estratégia militar soviéticas baseavam-se na consideração de que, se ocorresse uma guerra nuclear, todos os mísseis seriam lançados, o mais rapidamente possível, antes que suas posições de lançamento pudessem ser atacadas. Depois dos ataques nucleares totais, a guerra poderia continuar com as armas que estivessem disponíveis.

Em meados da década dos sessenta, as armas nucleares de emprego tático foram introduzidas em todas as forças soviéticas. Ao mesmo tempo, as forças dos teatros estavam em uma fase de fortalecimento e a capacidade estratégica nuclear estava alcançando paridade em relação aos Estados Unidos. O aumento das forças nucleares, quer em nível estratégico quer em nível tático, proporcionou, à liderança soviética uma capacidade idêntica à que os Estados Unidos já possuíam desde o início da década dos 60, isto é, a resposta flexível.

O Marechal Grechko expressou o seu entendimento sobre resposta flexível ao declarar, em novembro de 1969, que "em determinadas circunstâncias é admissível a utilização de unidades e subunidades conduzindo ações de combate com armas convencionais". Tal entendimento continua vigorando nos documentos soviéticos pertinentes.

A nosso ver, ao iniciar-se a década dos 70, ocorreu sensível alteração nas

concepções estratégicas da União Soviética com a introdução e estruturação de, uma nova capacidade: a Projeção do Poder Militar.

É interessante recordar que, nos primórdios da implantação do estado soviético, Leon Trotsky insistia em que o Exército Vermelho fosse utilizado para apoiar movimentos revolucionários em âmbito mundial. Stalin apoiava uma política mais cautelosa, qual seja, de que em primeiro lugar fosse estabelecido o regime socialista no país considerado. É evidente que a linha de ação de Stalin foi a adotada e a União Soviética — ainda que não se tenha transformado em uma nação comunista dentro dos conceitos de seus primeiros teóricos — tornou-se uma superpotência. Agora, em sua atual posição, a liderança do Kremlin pôde iniciar a aplicação de políticas que poderiam parecer estar dentro da orientação "trotskiana".

Em 1974, o Marechal Grechko advertia os membros do Partido de que:

"No momento atual, a função histórica das Forças Armadas Soviéticas não está restrita simplesmente à sua função de defesa de nosso território e de outros países socialistas. Em sua atividade de política externa o Estado soviético resolutamente opõe-se à exportação da contra-revolução e da política de opressão, apóia... as lutas de libertação nacional e firmemente resiste à agressão imperialista em qualquer ponto, ainda que distante, de nosso planeta."

Esta declaração estava de acordo com a estruturação das Forças Armadas soviéticas para exercer as atividades de projeção de poder e ação de presença que tiveram início nos últimos anos da década de 60. Foi restabelecida a força de fuzileiros navais, de algum modo comparável à organização norte-americana e,

também, iniciada a construção de navios-aeródromos. Em meados da última década, as capacidades de transporte aéreo da União Soviética estavam recebendo atenção especial e prosseguia a construção de uma nova classe de navios-aeródromos dispondo em seu complemento aéreo de aeronaves de decolagem vertical bastante sofisticadas.

Os métodos de condução de pequenas guerras em áreas distantes passaram a receber uma cuidadosa atenção. Em 1977, em um texto importante sobre assuntos militares preparado pelos instrutores da Academia do Estado-Maior Geral, da Academia Militar Frünze e da Academia Político-Militar Lenine é mencionado que:

"... nossos quadros militares são obrigados a estudar em detalhe os problemas relacionados às guerras locais dos dias atuais e produzir conclusões práticas; e cuidadosamente levá-las em conta nas atividades diárias do treinamento e instrução do pessoal das sub-unidades, unidades e navios."

e mais ainda:

"... O pensamento militar estuda cuidadosamente os problemas da condução da guerra nuclear, o emprego dos vários meios de destruição maciça, os vários aspectos das ações militares em guerras locais e produz as recomendações correspondentes."

Os instrutores políticos nas Forças Armadas Soviéticas ensinam agora aos recrutas as responsabilidades de âmbito internacional do povo soviético e de como isso foi executado no passado.

Conforme mencionam estudiosos dos assuntos soviéticos, os "voluntários" que lutaram nas guerras da China e da Espanha, na década de 30, são glorifica-

dos em dezenas de livros. É interessante observar, porém, que em meados da década dos 60 os textos soviéticos apenas mencionavam o apoio que havia sido proporcionado à Coreia do Norte no início da década dos 50. Já em 1978, os escritores soviéticos garantem que divisões aéreas soviéticas foram deslocadas para a China e que cinco divisões do Exército estavam preparadas para marchar em apoio à Coreia do Norte, caso se agravasse a situação daquele país no conflito em pauta.

No final da década dos 70, a ênfase atribuída à necessidade da projeção de poder e do estabelecimento da ação de presença foi disfarçada sob diversos "slogans", tais como o "internacionalismo proletário", "deveres internacionalistas", "impedir a exportação de contrarrevolução pelos imperialistas" e, assim por diante. Apenas muito raramente expressaram os teóricos soviéticos uma exigência real quanto a projetar o poder militar. Enfatizou-se, em vez disso, o apoio às guerras "justas" de libertação, das quais resultariam condições mais favoráveis para o estabelecimento do comunismo. Tudo foi engendrado de maneira ostensiva para preparar as forças armadas soviéticas, assim como o povo soviético, para a possibilidade de uma participação soviética ativa em conflitos militares em áreas afastadas.

A Estrutura de Comando e a Organização das Forças Armadas Soviéticas

Muitos enganos são cometidos pelos analistas ocidentais acerca das capacidades e possível utilização das forças armadas soviéticas, porque não é bem entendido *como* as forças soviéticas são controladas e organizadas. Por exemplo,

tem sido mencionado que as forças soviéticas não poderiam sustentar uma guerra prolongada não nuclear na Europa, por não disporem de apoio logístico. Não é levado em conta que existe uma organização central na União Soviética que provê apoio logístico para todas as forças militares. Quando esse fato é considerado, o quociente combatentes x pessoal de apoio é praticamente o mesmo que nos Estados Unidos. Da análise dos documentos oficiais soviéticos conclui-se que as forças armadas da União Soviética incluem:

- *Forças de Mísseis Estratégicos*
- *Forças Terrestres*
- *Tropas de Defesa Aérea Nacional*
- *Forças Aéreas*
- *Marinha*
- *Tyl (serviços de retaguarda)*
- *Organizações e Tropas de Defesa Civil*
- *Tropas de Fronteira e de Defesa Interna.*

Duas dessas organizações não são subordinadas ao Ministério da Defesa. As Tropas de Fronteira são subordinadas ao KGB (Comitê de Segurança do Estado) chefiado pelo atualmente General-de-Exército Andropov (que também é membro do Politburo). As tropas de defesa interna estão subordinadas ao General-de-Exército Shchelovok que é Ministro da Defesa Interna. Ambas as forças dispõem de blindados, aeronaves leves e helicópteros.

As Forças de Fronteira, além disso, possuem suas próprias forças navais, com navios patrulha A/S fortemente armados.

As tropas da Defesa Aérea Nacional possuem o segundo maior contingente dentre as forças que mencionamos e se destinam a prover defesa contra aere-

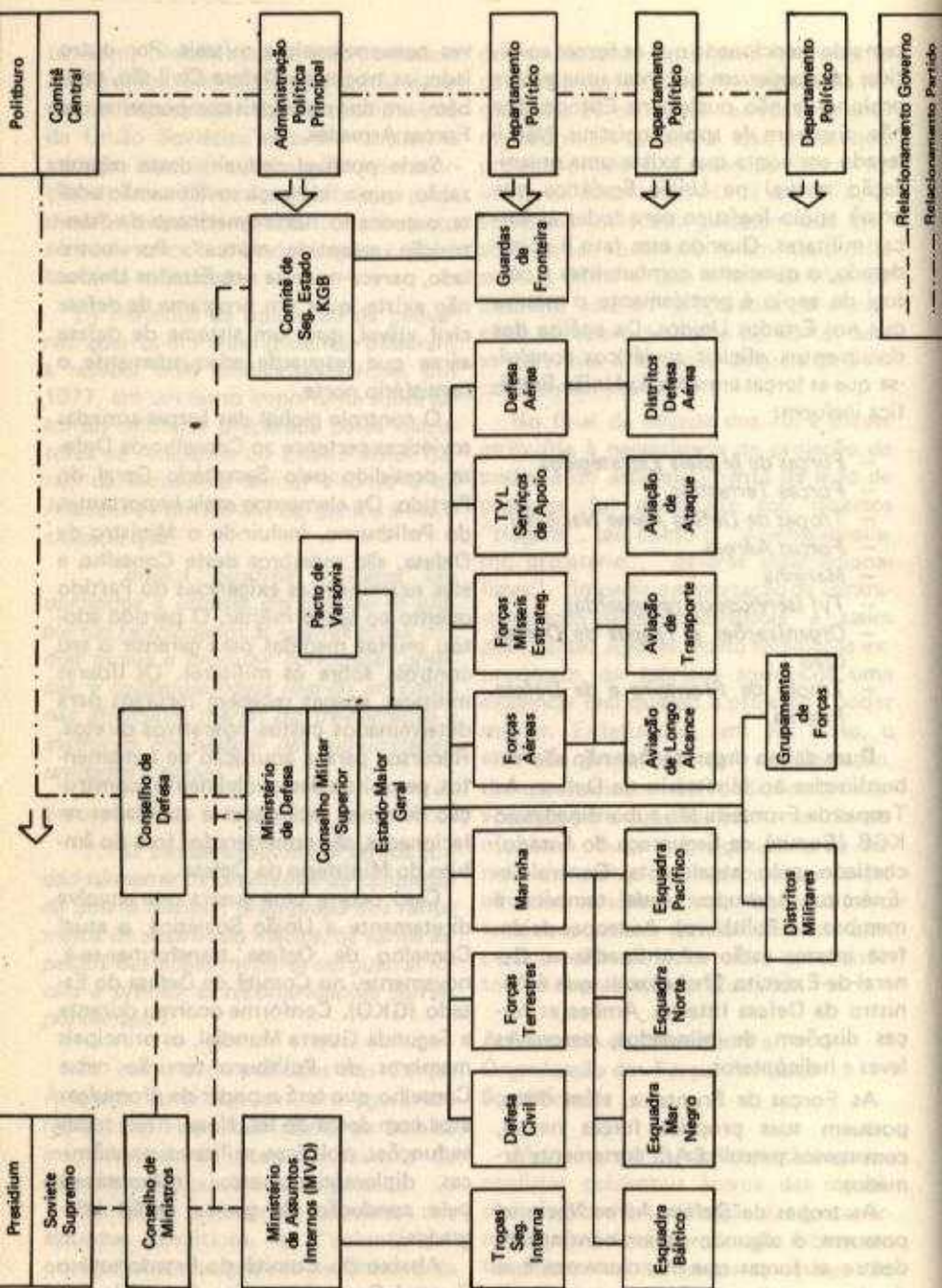
ves convencionais e mísseis. Por outro lado, as tropas de Defesa Civil são, também, um dos principais componentes das Forças Armadas.

Seria possível deduzir, dessa organização, que a liderança soviética não adota o conceito norte-americano da "destruição garantida mútua". Por outro lado, parece-nos que nos Estados Unidos não existe, quer um programa de defesa civil viável, quer um sistema de defesa aérea que resguarde adequadamente o hemisfério norte.

O controle global das forças armadas soviéticas pertence ao Conselho de Defesa presidido pelo Secretário Geral do Partido. Os elementos mais importantes do Politburo, incluindo o Ministro da Defesa, são membros deste Conselho e eles examinam as exigências do Partido quanto ao apoio militar. O partido adotou muitas medidas para garantir o seu controle sobre os militares. Os líderes militares apenas recebem recursos para determinados custos operativos diretos. Recursos para a aquisição de armamentos, pesquisa e desenvolvimento, construção de novas facilidades e atividades relacionadas, são considerados fora do âmbito do Ministério da Defesa.

Caso ocorra uma guerra que envolva diretamente a União Soviética, o atual Conselho de Defesa transformar-se-á, novamente, no Comitê de Defesa do Estado (GKO). Conforme ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial, os principais membros do Politburo servirão nesse Conselho que terá o poder de promulgar atos com força de lei. Nesse nível todas as funções, políticas, militares, econômicas, diplomáticas, etc... responsáveis pela condução da guerra, serão integradas.

Abaixo do Comitê do Estado está o Quartel General do Alto Comando Su-



premo em geral conhecido por *Stavka* do VGK. Do mesmo modo que na Segunda Guerra Mundial, o Presidente do Conselho será o Secretário-Geral do Partido que também exercerá as funções de Comandante-em-Chefe Supremo. Isto, segundo Sokolovsky, acarretará "uma centralização mais completa da liderança e uma integração da liderança global do país com a liderança estratégica das forças armadas."

A Stavka é uma organização pequena, utilizando-se, para o seu pleno funcionamento, dos componentes do Estado-Maior Geral do Ministério da Defesa.

Esse Estado-Maior executa as tarefas tradicionais de uma organização desse tipo, dirigindo e coordenando os esforços de todas as cinco forças singulares, sendo responsável tanto pelo planejamento como pelo desenvolvimento de futuros conceitos.

O desenvolvimento dos computadores aumentou de maneira significativa a necessidade da "crescente centralização de direção". Os teóricos militares soviéticos observam que "a ampla introdução no trabalho do Estado-Maior Geral ... de sistemas automáticos da direção das armas e das tropas permite a solução mais operacional das complicadas tarefas de direção das forças armadas na paz ou na guerra."

Os teóricos militares soviéticos explicam como, em guerras anteriores, a manobra estratégica era realizada pela movimentação de corpos de tropas de uma área de ação militar para outra. Na guerra nuclear, argumentam eles, a manobra estratégica será realizada por uma reprogramação dos mísseis estratégicos. Nada impede que isso seja realizado por um órgão central e em poucos minutos.

O planejamento estratégico para as forças armadas soviéticas executado

pelo Estado-Maior Geral deve incluir os seguintes aspectos:

- ofensiva nuclear estratégica;
- operações militares nos teatros terrestres;
- defesa do país contra os ataques de mísseis nucleares;
- ações militares nos teatros marítimos.

Essas tarefas são da responsabilidade das cinco forças singulares, com o apoio das Tropas da Defesa Civil, o Tyl, os Guardas de Fronteira e as tropas de Defesa Interna.

As forças de mísseis estratégicos, com a responsabilidade de todos os mísseis baseados em terra, com alcance superior a 1.000 km, têm atribuições importantes na ofensiva nuclear estratégica. Embora a liderança soviética tenha atribuído aos submarinos nucleares uma grande parcela dessa tarefa, o mesmo ocorrendo quanto à aviação estratégica, a União Soviética ainda deposita um maior grau de confiança nos mísseis instalados em terra. Há maior precisão quanto a atingir os alvos, e desse modo, eles representam o componente principal em um ataque inicial "contra-força" que procure destruir as forças oponentes. Instalações terrestres reforçadas, assim como, instalações móveis que possam ser escondidas em edifícios e cavernas, servirão como a base para o *segundo ataque garantido* dos soviéticos.

Os escritores soviéticos mencionam seguidamente que, no caso de uma guerra nuclear, as Forças de Mísseis Estratégicos auxiliarão as Tropas da Defesa Aérea Nacional. Não sabemos que tipo de auxílio será esse, embora seja mencionado que se destina a "frustar os planos criminosos do agressor" quando for verificado que ele se prepara para desença-

dear um ataque nuclear. É possível admitir que se trata de um plano para um ataque preventivo.

As forças terrestres constituem o maior componente das forças armadas soviéticas. Os estrategistas soviéticos consideram que exércitos da ordem de milhões de homens serão necessários em qualquer futura grande guerra, independentemente do tipo de conflito, isto é, convencional ou nuclear. As forças terrestres são divididas em quatro ramos: a infantaria motorizada, tropas de mísseis e artilharia, tanques e a tropa de defesa aérea. Os paraquedistas são considerados como uma reserva estratégica do Alto Comando, intimamente associados, porém, às Forças Terrestres.

As tropas da Defesa Aérea Nacional têm a responsabilidade da defesa da União Soviética no tocante a ataques estratégicos, nucleares ou não. Em termos comparativos, o efetivo soviético é da ordem de 600.000 homens contra 37.000 dos Estados Unidos. Seu armamento inclui aeronaves de interceptação, mísseis superfície-ar e já estão sendo introduzidas as armas de defesa anti-espacial.

A defesa anti-míssil balístico deverá receber uma atenção especial nesta década. Ela é definida como:

"PRO (DEFESA ANTI-MÍSSIL) — um componente do PVO (DEFESA AÉREA) destinado à detecção, interceptação, e destruição dos mísseis balísticos inimigos durante sua trajetória, assim como, para a realização da interferência eletrônica. O PRO cumpre sua missão com o auxílio de equipamentos especiais anti-mísseis e de interferência."

(Dicionário de Termos Militares, P. I. Skuybeda, Moscou).

As armas anti-satélite soviéticas tornaram-se uma preocupação constante

para os Estados Unidos, após 1977, quando foi revelado que a União Soviética havia testado com sucesso tal sistema de arma. De acordo com a definição soviética:

"PKO (DEFESA AEROESPACIAL) — é um componente da Defesa Aérea (PVO) destinada à destruição dos meios cósmicos de combate do inimigo, que são usados para propósitos militares (no tocante a transportarem armas nucleares, executarem busca de informações etc) e durante deslocamentos orbitais. Espaçonaves especiais, satélites de caça e outros equipamentos constituem os meios básicos do PKO."

(Dicionário de Termos Militares, P. I. Skuybeda, Moscou).

Os soviéticos reconhecem o problema introduzido pelos mísseis de cruzeiro no que se refere à defesa estratégica. Sabe-se que eles estão desenvolvendo o máximo de esforços para a criação de defesa contra o míssil de cruzeiro de baixa altitude que está sendo adotado nas forças armadas norte-americanas.

As Forças Aéreas Soviéticas têm três componentes principais: aviação de bombardeio de grande alcance, de ataque e de transporte.

A principal ênfase é atribuída à aviação de ataque. Os aviões táticos, de aerodinâmica variável, "Fencer", constituem hoje um dos mais sérios problemas enfrentados pela OTAN. Esta aviação inclui também os helicópteros de combate que os teóricos soviéticos acreditam ser uma arma anti-tanque excepcional. É considerado, também, que o helicóptero possui a vantagem de poder transpor áreas contaminadas para a realização de ataques.

As Forças Aéreas prestam apoio, até certo ponto, às quatro tarefas atribuídas

às forças armadas soviéticas. A aviação de longo alcance faz parte da tríade estratégica nuclear dos soviéticos. Ao mesmo tempo, os três componentes podem participar em operações nos teatros terrestres. A aviação de ataque aérea, também, as forças de defesa estratégica; se necessário, e em conjunto, ambas poderão apoiar as ações em teatros marítimos.

O crescimento da Marinha Soviética, a partir da década dos 60, foi surpreendente. Dentro da escala de prioridades na União Soviética, o desenvolvimento da Marinha só teve início após ficar garantida a neutralização da capacidade estratégica dos Estados Unidos e depois que as forças dos teatros adquiriram pelo menos a capacidade de neutralizar as forças da OTAN e da China.

O acesso aos oceanos, em termos dos estreitos da Dinamarca, da Turquia e nas proximidades do Japão — que sempre representou um óbice para as forças navais soviéticas — não apresenta mais tantas dificuldades. O poder nuclear soviético atingiu um nível tal que nenhuma nação iria criar embaraços para essas movimentações, assim como para o trânsito das unidades de apoio logístico.

Mais ainda, na última década a técnica e os meios para o apoio logístico móvel foram aprimorados e desenvolvidos, o que vem permitindo a permanência, por períodos prolongados e em áreas afastadas, de grupamentos navais soviéticos. Por outro lado, a ação política nos países sub-desenvolvidos possibilitou a instalação de facilidades de apoio, transformando a Marinha soviética em um instrumento de excepcional valor para a projeção do poder soviético, assim como, para a ação de presença.

A Marinha possui, também, grande número de aviões de bombardeio e de

reconhecimento baseados em terra. A partir do final da última década, conforme já mencionado, iniciou-se a construção de novos navios-aeródromos, operando aviões de decolagem vertical e helicópteros. A organização dos fuzileiros navais foi rapidamente ampliada e dotada de meios que já permitem, em escala reduzida, o estabelecimento de cabeça de praia em áreas do Terceiro Mundo.

A Defesa Civil soviética recebeu cuidadosa atenção do governo soviético. Na realidade, a defesa civil e outras medidas de sobrevivência na guerra ocupam uma posição de destaque no pensamento estratégico soviético e representam um elemento importante no seu esforço de preparo para a guerra. O programa de sobrevivência em um conflito nuclear recebeu considerável impulso, desde o advento da "detente" com os Estados Unidos, isto é, maio de 1972.

A liderança soviética reconhece e, evidentemente, atribui grande importância a uma superioridade soviética de sobrevivência em relação aos norte-americanos, quer em termos de amplitude e efetividade do programa de defesa civil, quer no que se refere ao grau de concentração dos centros populacionais, dos recursos e das atividades econômicas vitais. A liderança soviética acredita que as assimetrias entre as capacidades das duas super-potências não só irão degradar a ameaça norte-americana da "destruição garantida" como proporcionarão à União Soviética uma nítida vantagem em termos de aceitar riscos quanto à troca nuclear e ampliar suas possibilidades de não apenas sobreviver, mas, caso ocorra a guerra, ser o vencedor.

O "TyI" (serviços de retaguarda) não tem sido devidamente apreciado pelos analistas ocidentais. As unidades de engenharia de construção totalizam mais

de meio milhão de homens e participam de projetos de interesse militar como os silos de mísseis ou a estrada de ferro Baykal — Amur. As unidades de engenharia, de comunicações, de guerra química e outras são consideradas como tropas especiais providenciando, em conjunto, apoio às forças armadas. Os guardas de fronteira e as Tropas de Defesa Interna estão concentrados em nove distritos militares especiais. No evento de um ataque com mísseis nucleares, o TYL, as unidades de construção, as unidades especiais, os guardas de fronteiras e as tropas de defesa interna auxiliarão as tropas de Defesa Civil e as unidades militares no restabelecimento da ordem.

O Atual Confronto

Estados Unidos x União Soviética

É fato indiscutível de que existe uma competição entre Estados Unidos e União Soviética em termos de influência, controle e, prestígio mundiais; e essa competição continuará a existir num futuro previsível. Ocorre, porém, uma diferença de objetivos. Enquanto que a União Soviética busca agressivamente expandir o seu poder e influência, os Estados Unidos preocupam-se em manter o "status quo". Esses objetivos conflitantes e suas expressões paralelas a nível estratégico e tático, estruturam uma competição que é complexa e que não deveria ser simplesmente expressa em termos do fenômeno "ação-reação", ou, dos "espirais" de armas estratégicas.

É necessário considerar, por exemplo, que embora os objetivos básicos estejam em oposição, ambas as super-potências possuem, também, objetivos em comum. A sobrevivência nacional, a prevenção de uma guerra generalizada acidental, a limitação das despesas com armamentos, todos esses são objetivos que necessaria-

mente interessam quer aos Estados Unidos quer à União Soviética.

Esses objetivos em comum inclusive propiciam, a nosso ver, a motivação básica para as discussões sobre a limitação de armas estratégicas (SALT), ainda que outras motivações possam ter influência ponderável no sentido de reduzir, de um lado, o desnível existente na confrontação nuclear e/ou, de outro lado, ganhar tempo para uma melhor estruturação do poder. Abaixo, porém, desse nível de competição, quando entramos em outras áreas como, por exemplo, dos meios específicos para atingir uma determinada condição de poder, quer em termos de procedimentos, estilos ou de doutrina, quer das etapas intermediárias do processo, existe uma diferença tão profunda que se poderia considerar que os competidores estão empenhados em jogos diferentes (a União Soviética jogando xadrez enquanto que os Estados Unidos jogam damas no mesmo tabuleiro). Ou xadrez e pôquer, como já foi lembrado por analistas norte-americanos.

Essas diferenças características são devidas a objetivos institucionais amplamente distintos em todos os níveis dos dois governos; a ideologias e perspectivas históricas diversas; a diferentes sistemas de controle e de capacidades econômicas. Sem esquecermos, também, as diferenças de vulto em termos de geografia física. De uma maneira geral, o modo pelo qual os Estados Unidos e a União Soviética projetam, estruturam e operam suas forças militares são tão diferentes entre si que comparações diretas quanto à capacidade das forças são bastante enganosas. Muitos aceitam o argumento de que existe uma corrida armamentista. Como seria possível aceitar o argumento, igualmente válido, de que as

forças das super-potências são estruturadas essencialmente para diferentes tipos de conflitos? — De uma maneira geral, as estruturas de força de ambas as super-potências não estão sendo planejadas para dissuadir ou opor-se às capacidades reais do oponente e sim para explorar as fraquezas, sensibilidades e costumes atribuídos ao oponente, mas que, na realidade, estão calcados em um tipo de auto-sugestão.

As características de estrutura das forças, a nível de teatro, indicam, também, objetivos de conflito muito diferentes. A União Soviética está orientada no sentido de um conflito intenso e de curta duração, assim como, na defesa de seu território, ao passo que a estrutura dos Estados Unidos é projetada para uma guerra prolongada no além-mar com escassa defesa do território continental, ou, capacidade de sobrevivência. Essencialmente, as duas super-potências devem visualizar cenários de conflitos bastante distintos, com os Estados Unidos orientado no sentido de um ataque a seus interesses na Europa ou no Oriente Médio, enquanto que os soviéticos visualizam um conflito ou crise onde a hegemonia soviética (sobre seus satélites) ou o solo pátrio sejam ameaçados. Assim sendo, ainda que o raciocínio para as estruturas das forças seja, em última análise, baseado na ameaça percebida (ou mal percebida) intrínseca à competição das super-potências, as estruturas específicas de força para os Estados Unidos

e para a União Soviética são orientadas no sentido de contingências de conflito muito diferentes.

Finalmente, as maiores diferenças em características ficam óbvias nos estilos empregados pelos competidores na pesquisa, desenvolvimento e produção do equipamento militar necessário e na obtenção e operação de suas respectivas forças militares. O estilo soviético é, em última análise, influenciado pelo planejamento central rigoroso e a adoção de linhas de ação necessárias a manter a "ditadura do proletariado", assim como, por uma adaptação militar pragmática àquele sistema. O estilo norte-americano, de maneira geral, é influenciado pela diversidade do mercado onde a inovação é vista de maneira positiva como um meio de derrotar competidores, e a qualidade do produto versus a satisfação do cliente são considerados, igualmente, como estratégias importantes para manter uma parcela do mercado especialmente na indústria pesada. Da consideração dessas características de "demanda" e de produção é possível concluir que existe uma ênfase soviética na *quantidade* a todos os custos, enquanto que os Estados Unidos enfatizam o progresso tecnológico, a qualidade (com algumas sofisticações) e a eficiência operativa.

O professor Bernard Albert propõe a seguinte comparação entre as características das estratégias atuais dos Estados Unidos e União Soviética:

CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS ESTRATÉGIAS ATUAIS ESTADOS UNIDOS E UNIÃO SOVIÉTICA

Categoria	União Soviética	Estados Unidos
Competição generalizada	Expandir sua influência, controle e prestígio político em termos mundiais	Manter sua influência e prestígio político em termos mundiais

Categoria	União Soviética	Estados Unidos
Competição estratégica	Continuar a alterar a correlação de forças em seu benefício	Impedir o prosseguimento da deterioração do equilíbrio estratégico
Objetivos táticos	Romper as alianças norte-americanas e manter um firme controle sobre os satélites da Europa Oriental	Manter a harmonia das alianças e a efetividade militar
Objetivos Econômicos	Continuar a atribuir alta prioridade quanto à produção de instrumentos de defesa, indústria pesada, pesquisa e desenvolvimento, continuar a incrementar ao mínimo os padrões de bem estar	Equilibrar objetivos políticos e objetivos econômicos
Doutrina de Defesa e Estrutura da Força	Ataque inicial, ataque de surpresa se o conflito parecer iminente; execução de operações de guerra em profundidade e capacidade de recuperação; defesa, sobrevivência nacional, controle de áreas na retaguarda, grande número de forças e potencial de mobilização	Retaliação estratégica efetiva, assim como capacidade de terminar e controlar um conflito estratégico e também a condução de uma guerra prolongada no além-mar; forças pequenas eficientes com mobilização limitada
Pesquisa, Desenvolvimento, Teste e Produção	Apoio maciço, quantidade em vez de qualidade (sofisticação); progresso tecnológico através de continuidade; emparalhar-se aos Estados Unidos.	Competição tecnológica controlada; aceleração rápida quando ocorrem atrasos em tecnologia
Produção	Controle de qualidade maciço e implacável; adaptação às restrições impostas pelo planejamento econômico centralizado. Inventário bastante volumoso de sobressalentes; produção em série ou em pacotes. Sistemas simples.	Produção em quantidades moderadas, alta qualidade, tecnologia avançada, sistemas flexíveis, serviços de apoio e suprimento de sobressalentes equilibrados
Operações das Forças	Equipamento simples. Alto percentual de retenção. Forças de grande tamanho. Ênfase nas forças terrestres. Funções militares/políticas/Civis diversificadas. Níveis baixos de prontidão e atividade operacional. Baixa capacidade de avaliação/controlar o conflito.	Equipamento avançado. Forças de tamanho moderado, ênfase na mistura (triad). Os melhores e mais modernos equipamentos. Apenas funções militares. Alto grau de prontidão e de atividade operativa. Avaliação sofisticada a nível de comando.

Os Problemas da Segurança Soviética no Oriente

Acreditamos haver muito poucas discordâncias entre aqueles que se dedicam ao estudo das políticas e das estratégias da União Soviética no que se refere ao cenário do Oriente. Paul Nitze, por exemplo, confirmando esse entendimento, considera que, dentre os principais objetivos estratégicos soviéticos na década atual, está o cerco e a neutralização da China. Parece-nos evidente, também, que um outro objetivo estratégico vital é o aumento da influência e do controle do Golfo Pérsico, objetivo este que tem sensível influência em relação ao problema chinês. O domínio político ou militar do Golfo Pérsico não apenas iria apoiar, de maneira nítida, a estratégia do Kremlin em relação ao Ocidente, como também a estratégia de cerco da China, uma vez que esta estratégia envolve o Paquistão, a Índia, o Sudeste Asiático, o Japão e a Coreia.

A invasão do Afeganistão e o deslocamento de mais de um milhão de refugiados para o Paquistão tornam mais próxima e mais poderosa a ameaça militar ao Paquistão e provêem oportunidades para provocar e explorar as diferenças tribais e criar incidentes. O Paquistão já entendeu o problema; recusou o auxílio militar oferecido pelos Estados Unidos e procura manter uma posição simpática em relação à União Soviética.

A Índia adotou, desde muitos anos atrás, uma posição de neutralidade. A Senhora Gandhi vem estabelecendo uma colaboração cada vez mais estreita com a União Soviética. Sabemos, também, que as relações entre a China e a Índia têm sido, por muito tempo, bastante tensas.

No Sudeste Asiático, o sucesso militar dos norte-vietnamitas, com o apoio soviético, contra os Estados Unidos e, em seguida, contra o Camboja e o Laos e, finalmente, em 1979, contra a incursão chinesa, proporcionou aos soviéticos um forte aliado e uma estrutura básica bastante útil.

A Coreia do Norte tem sido, já por muito tempo, um cliente da União Soviética.

Resta-nos o Japão, a super-potência industrial sofisticada de nossa época, mas que depende do Oriente Médio para o suprimento de 80% de suas necessidades de petróleo. Não é possível admitirmos uma aliança da União Soviética com o Japão contra a República da China. Considerada, porém, a existência de um controle político pela União Soviética dos suprimentos de petróleo do Oriente Médio; a paridade em termos de Poder Naval entre as super-potências nas áreas próximas ao Japão, assim como, o pequeno poder militar japonês (e sua resistência a uma ampliação), é possível admitir a neutralização do Japão.

Ao Norte, aproximadamente vinte e cinco por cento das forças terrestres soviéticas e de suas forças aéreas de ataque, estão posicionadas ao longo da fronteira com a China. A esquadra soviética do Pacífico tem um valor ponderável. Não deverá provavelmente ocorrer uma diminuição dessas forças nos próximos anos. Sua ampliação dependerá do entendimento soviético quanto ao relacionamento Estados Unidos - China - Japão.

Admite-se que a partir dos primeiros anos da última década, a preocupação soviética tenha sido a de melhorar sua posição militar "vis-a-vis" a China, através a construção de zonas de defesa e da modernização dos armamentos, especial-

mente as forças navais, aéreas e também de sua capacidade nuclear.

A ferrovia Baikal — Amur — Magistral que deverá estar pronta em 1985, aumentará as facilidades de apoio, possibilitando um nível de prontidão mais amplo ao longo da fronteira chinesa.

Em linhas gerais, é possível admitir que a União Soviética moveu ou está movendo com precisão suas peças no tabuleiro de xadrez para alcançar o objetivo do *cercos* e de *neutralização* da China. Ações e reações entre Estados Unidos, China e Japão poderão, evidentemente, alterar esse cenário, desde que haja uma maior aproximação China-Japão já iniciada com o tratado firmado; uma maior presença dos Estados Unidos da China diretamente, ou, através o Japão, colaborando para a ampliação do poder militar chinês; uma mudança do posicionamento japonês no tocante a seu rearmamento.

Sem desejar ser um futurologista, poderíamos até admitir que, em determinadas circunstâncias, a neutralização fosse obtida através a acomodação de interesses ideológicos entre a União Soviética e a China.

Apreciações Finais

As seguintes considerações parecem ser válidas dentro do cenário que estamos vivendo:

— Incontestavelmente, no teatro europeu, a despeito de uma supremacia maciça em termos de forças terrestres e de apoio aéreo, ocorria até os anos 60 um desequilíbrio nuclear propiciando que os Estados Unidos garantissem a real existência de um "guarda-chuva" nuclear para a Europa Ocidental.

— Atingida a paridade nuclear, não apenas em termos de quantidades como

também de alcance, criou-se um ambiente de *destruição garantida mútua*, o qual gerou o conceito da *détente*.

— A coesão atingida pelos Estados Unidos até o final da década dos 60, em termos de contenção por meio de alianças, entrou em uma fase de deterioração, excetuando-se, talvez, a OTAN.

A OTCEN praticamente deixou de existir. No jogo de interesses do Oriente Médio, onde a Inglaterra havia sabido conter por muitas dezenas de anos a ameaça do expansionismo soviético, seu sucessor no jogo estratégico, os Estados Unidos, não demonstrou a mesma capacidade. Como resultado, a União Soviética se faz presente no Mediterrâneo. Acredito que o exame do assunto, em termos estratégicos, mereceria, certamente, um módulo de trabalho.

— A neutralização da Finlândia e as demonstrações de poder do que eu denominaria de "Pax Soviética" na Europa Oriental — considerada a atual crise polonesa — parecem demonstrar que permanece suficientemente válido o dogma do Kremlin de que "a incorporação ao mundo socialista é um fato permanente". Dogma que foi gerado em Yalta e Potsdam.

— O rápido e significativo desenvolvimento do componente marítimo do Poder Nacional soviético de certo modo acarretou o recuo para Oeste do predomínio tradicional do Ocidente no Atlântico; neutralizou uma ação de presença no Mediterrâneo; estabeleceu um desafio em áreas críticas do Pacífico.

— Mesmo assim, e avaliadas suas conseqüências, a expansão soviética na Europa Ocidental parece estar contida. Diria que o preço de uma conquista, expresso em termos de retaliação, ainda está muito elevado. Parece-me que na Europa a "détente" é uma arma a favor

dos comunistas. Os objetivos econômicos, normais e comuns a todas as nações, fazem com que se estabeleçam, progressivamente, camadas de acomodação e co-participação entre os dois blocos europeus. A nosso ver, a estratégia nacional soviética (se pudermos chamar assim) no continente europeu é uma estratégia eminentemente indireta no que se refere às expressões política, econômica e psicossocial. No que se refere a uma estratégia militar se, como e quando, por ventura forem ameaçados os objetivos vitais soviéticos no continente europeu, parece-nos que teremos uma estratégia direta: o vagalhão precipitando-se para as costas do Atlântico, de surpresa e em dose maciça. A evidência existe em termos de capacidade do poder.

Finalmente, algumas observações sobre o objetivo estratégico da União Soviética, que produz reflexos mais diretamente relacionados aos nossos posicionamentos continental e marítimo: a ampliação da influência e controle da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas no Terceiro Mundo, especificamente quanto à América Central e África.

Em 1962, foi possível aos Estados Unidos enfrentar e anular uma tentativa soviética no sentido de ampliar seu poder na América Central, através as instalações de mísseis em Cuba. A superioridade estratégica nuclear norte-americana e a fraqueza do poder naval soviético determinaram o resultado final da crise. Dezenove anos passados, é possível constatar que o evento de 1962 não teve maiores consequências além do eventual recuo soviético em um determinado momento. Ampliaram-se as facilidades soviéticas na ilha e tornou-se mais íntimo o relacionamento entre Cuba e a União Soviética.

Parece não haver dúvidas de que, nos últimos anos, cresceu a influência cubana na América Central; Cuba assumiu abertamente o papel de um agente ativo dos soviéticos nos conflitos gerados pelo comunismo em países africanos; e sua conduta internacional tornou-se cada vez mais hostil.

Não acreditamos haver medidas práticas, a curto prazo, por parte dos Estados Unidos que possam induzir ou forçar uma separação entre Cuba e a União Soviética. Talvez que a atitude mais adequada para os Estados Unidos seja manter o posicionamento hostil que vem adotando nas duas últimas décadas, nisto incluído o embargo econômico, isto é, uma política de contenção. É evidente que tal atitude não afetará a posição de Castro; não reduzirá o relacionamento com a União Soviética, e não deverá alterar o procedimento internacional de Cuba.

Qualquer atitude mais agressiva como, por exemplo, um bloqueio, iria implicar num aumento da tensão internacional e poderia provocar uma séria confrontação global. Devemos nos lembrar de que, em circunstâncias mais graves, onde o próprio poder militar norte-americano já estava envolvido em um conflito, não foi efetivado o bloqueio de Haiphong por onde era propiciado o suprimento indispensável ao Vietnã do Norte.

Por outro lado, a ampliação dos meios da União Soviética, quer em termos de transporte quer em termos de projeção de poder e ação da presença, possibilitou que grandes contingentes de tropas cubanas pudessem ser movimentadas para operar em áreas distantes, no caso, o continente africano.

- Como impedir tais ações?
- Como impedir que o governo mar-

xista-sandinista da Nicarágua consolide o poder conquistado em julho de 1979, graças ao apoio proporcionado por Cuba e pela União Soviética?

— Como interromper o ciclo evolutivo de El Salvador, onde o Diretório Revolucionário Unido (DRU), apoiado por Cuba, parece seguir a mesma orientação adotada na Nicarágua?

— Que medidas poderiam ser adotadas, e por quem, para possibilitar um recrudescimento atualizado da união que orfentou o evento da República Dominicana?

No cenário africano a situação atual parece atender amplamente os interesses soviéticos. Não há dúvidas de que, do mesmo modo que na década de 60 fracassou a tentativa soviética em Cuba, fracassaram, também, as incursões da União Soviética na África, e o Congo Belga talvez seja o melhor exemplo desse fato. Eles, porém, aprenderam a lição. Beneficiando-se do retraimento chinês, causado pela Revolução Cultural, souberam aproveitar-se, no momento adequado, da constante ebulição das novas nações africanas.

Em 1974, três eventos ampliaram as possibilidades soviéticas na África: o colapso do império português naquele continente, a queda do Imperador Haile Selassié na Etiópia e o estabelecimento de regimes radicais, e quase sempre marxistas-leninistas, na Somália, Benin (antigo Dahomey) e Madagascar.

Em Angola, o fornecimento maciço de armas e a presença de milhares de cubanos garantiram a vitória do MPLA de Agostinho Neto.

Na Etiópia, graças a um acompanhamento cuidadoso do desenrolar dos eventos, a União Soviética estava pronta no momento exato a apoiar o possível vencedor do conflito na região, o Tenen-

te-Coronel Mengitsu: 20.000 cubanos foram aerotransportados, através o espaço aéreo da Turquia, Iraque e Paquistão, utilizando, também, as instalações de Aden, no Iémen, como ponto de concentração.

Tudo indica que a próxima vítima será a África do Sul. A influência soviética na guerra de guerrilhas da maioria negra contra a minoria branca deverá expandir-se na medida em que houver maior necessidade de armas e elas não puderem ser obtidas quer do Oeste quer da China.

— Considerado este cenário, qual virá a ser o valor estratégico de Diego Garcia, e como a mais nova base naval norteamericana poderá ser mantida?

As indagações que apresento nestas apreciações finais justificam, a meu ver, aquela preocupação referente ao expansionismo soviético que mencionei ao início desta apresentação.

Seja através a infiltração ideológica, seja através a miríades de formas que a guerra pode assumir no conturbado cenário de nossa era nuclear, estaremos cada vez mais ameaçados, até o final deste século, de perder nosso próprio futuro.

O grande inimigo está cada vez mais próximo e cada vez mais forte. Para eles, a posse do controle do Estado e a transformação do Brasil no grande centro comunista americano seria uma conquista de excepcional valor. Daí a necessidade de considerarmos, em nossos estudos, um cenário mais amplo e de maior profundidade. Para que não sejamos surpreendidos.

BIBLIOGRAFIA

- Collins, John — *American and Soviet Military Trends*, The Center for Strategic and International Studies, Washington, 1978.

- Georges James ed. - *Problems of Sea Power as We approach The Twenty-First Century*, American Enterprise Institute for Public Policy Research, Washington, 1978.
- Gorshkov, Sergei - *As Marinhas na Guerra e na Paz*, United States Naval Institute, 1974. (Traduzido na Revista Marítima Brasileira.)
- Gorshkov, Sergei - *O Poder Marítimo do Estado*, United States Naval Institute, 1979.
- Gray Colin - *A Geopolítica da era nuclear*, National Strategy Information Center, Crane Russak, 1977.
- Hoffmann Stanley, *Primary or World Order*, McGraw Hill, New York, 1978.
- Yalov, Zav I. G. - *Selected Soviet Military Writings, 1970-1975*, Washington, GPO, 1977.
- Lawrence, Martin - *Strategic Thought in the Nuclear Age*, Baltimore, Hopkins University Press, 1980.
- Liska, George - *Russia and World Order*, John Hopkins University Press, Baltimore, 1980.
- McGwire Michael, Ken Both e John McDonnell - *Soviet Naval Policy, Objectives and Constraints*, New York, Praeger, 1975.
- Pipes Richard (Frank Baird Junior) - Artigo publicado na revista *Commentary* de julho 1977 e reproduzido na Revista Marítima Brasileira.
- Wesson, Robert - *The Soviet Union: Looking to the 1980's*, Hoover Institution Press, 1980, Stanford Calif.
- Schelling, Thomas - *Arms and Influence*, Yale University Press, 1966.
- Thompson, W. Scott - *National Security in the 1980's: From Weakness to Strength*, San Francisco, Institute for Contemporary Studies, 1980.
- Wegener Edward - *A Ofensiva Naval Soviética*, Instituto Alemão da Marinha, 1975. (Tradução publicada na Revista Marítima Brasileira.)



O Vice-Almirante José Maria do Amaral Oliveira exerce atualmente a função de Subcomandante da Escola Superior de Guerra. Entre os diversos cursos em que se diplomou figuram: Comando e Estado-Maior da Escola de Guerra Naval, Naval Command Course, SFO, U.S. Naval War College, Curso Superior de Comando da Escola de Guerra Naval e Curso Superior de Guerra, da ESG. Ex-Comandante da Força Aeronaval e ex-Diretor de Aeronáutica da Marinha do Brasil.